

FAIXA DE GAZA E O HAMAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL: A CORRIDA PELO VOTO

*ValdeliCoelhoCollares*¹

RESUMO Um movimento seja ele qual for, não pode ser apenas consolidado, com base em seus trabalhos sociais ou arranjos políticos. O instrumento clássico de legitimação de regimes e movimentos políticos e sociais é naturalmente a ideologia², todavia mesmo as justificativas ideológicas extrapolam o discurso. É através do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mais de modo especial, o coração, isto é as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. A questão do imaginário social, ganha relevância a partir da assertiva, com a qual concordamos de que o homem está sempre imerso numa rede de sentidos ou numa comunidade de sentidos. Bazco,(1985). É a partir do social que os homens interagem entre si e constroem suas identidades. A insatisfação crescente com acordos de paz entre Israelenses e palestinos que não respondiam as demandas do território ocupado, a corrupção das lideranças seculares palestinas, tornou possível, o surgimento de movimentos islâmicos dispostos a tentar mudar a história da ocupação da opressão e minimizar pobreza da região. Assim surgiu o movimento Islâmico Hamas, que escandalizou o mundo com inesperada vitória obtida nas eleições do Conselho Legislativo Palestino (CLP)³ em Janeiro de 2006. O movimento vinha construindo uma base sólida devido as suas atividades educacionais, sociais de obras de caridade, além da propagação religiosa, conseguindo se tornar popular dentro e fora da Palestina. O artigo propõe fazer uma análise da atuação do Hamas no intuito de entender o que motivou a população palestina a delegar-lhe apoio. Que causas ou conjunto de causas podem ser apontados para o crescimento desse movimento a ponto de substituir em tão pouco tempo as poderosas forças políticas na Palestina. Esse estudo está baseado no método qualitativo e histórico, segundo Foucault (2005), há dezenas de anos a atenção dos historiadores se voltava para longos períodos, que revelava a continuidade os equilíbrios as regulações constantes difíceis de serem rompidas. “A atenção se deslocou, para os fenômenos de ruptura” FOUCAULT (2005, p.4-9). A pesquisa qualitativa, “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, o objetivo é traduzir, expressar o sentido dos fenômenos sociais” MAANEN (1979, p. 520). A pesquisa bibliográfica conduzirá todo o trabalho a ser desenvolvido nesse estudo

PALAVRAS- CHAVE- Hamas, Voto, Ascensão, Imaginário social.

ABSTRACT move whatever it is, can not only be consolidated on the basis of his social or political arrangements. The classic instrument of legitimization of regimes and political movements and social ideology is of course, but even go beyond the ideological justifications speech. It is through imagination that can reach not only the head more especially, the heart, ie the aspirations, fears and hopes of a people. The question of the social imaginary gains relevance from the assertion, with which we agree that man is

¹ Graduada em História-UNIMONTES e Mestre em Desenvolvimento Social - UNIMONTES, valdelicoelho@yahoo.com.br-

² IDEOLOGIA-MARCONDES FILHO (1994, p.20) falando acerca de ideologia e o grupo social, considera que todos nós participamos de certos grupos de ideias. Esses grupos já estão criados e, quando neles entramos, compartilhamos de suas idéias. São espécies de “bolsões” ideológicos, onde há pessoas que dizem coisas em que nós também acreditamos pelas quais lutamos que têm opiniões muito parecidas com as nossas. Há alguns autores que dizem que na verdade nós não falamos de fato o que acreditamos dizer, haveria certos mecanismos, certas estruturas que “falariam por nós.

³ CLP- Conselho Legislativo Palestino. Um quase parlamento com poderes limitados representa a incorporação da legitimidade política palestina na Cisjordânia e na Faixa de Gaza HROUB (2008, p.7).

always immersed in a network of meanings or a community of meanings. Bazco, (1985). It is from the social than men interact and construct their identities. The growing dissatisfaction with the peace agreements between Israelis and Palestinians who did not respond the demands of the occupied territory, the corruption of secular Palestinian leadership has made possible the rise of Islamic movements willing to try to change the history of oppression and occupation of minimizing poverty in the region . Thus arose the Islamic movement Hamas, which shocked the world with an unexpected victory in the elections of the Palestinian Legislative Council (PLC) in January 2006. The movement had been building a solid foundation because of its educational, social, charitable works, as well as religious propaganda, achieving become popular inside and outside Palestine. This article proposes an analysis of the actions of Hamas in order to understand what motivated the Palestinian people to delegate to support it. What causes or set of causes can be pointed to the growth of this movement about to replace in a short time the powerful political forces in Palestine. This study is based on qualitative methodology and history, according to Foucault (2005), for decades the attention of historians turned to long periods, which revealed the continuity balances the regulations difficult to set broken. “The attention has shifted to the phenomena of rupture” Foucault (2005, p.4-9). Qualitative research, “includes a number of different interpretative techniques which aim to describe and decode the components of a complex system of meanings, the goal is to translate, to express the sense of social phenomena” Maanen (1979, p. 520). The literature search will lead all the work being developed in this study

KEYWORDS- HAMAS, Voting, Ascension, social imaginary.

INTRODUÇÃO

Quando o Movimento de Resistência Palestina, Hamas⁴, surgiu como a força mais expressiva na Faixa de Gaza e Cisjordânia e venceu as eleições de 2006, não foi um mero acaso, o movimento vinha a muito construindo uma base sólida, ampliando o seu prestígio devido principalmente a construção de uma rede de assistência a um povo pobre, carente⁵ e excluído. As suas atividades educacionais, sociais de obras de caridade, além da propagação religiosa, conseguiram se tornar muito popular dentro e fora da palestina. A gravidade do quadro de pobreza e miséria na Faixa de Gaza constitui permanente preocupação e nos obriga a refletir sobre suas influências no social e o combate a corrupção, como um dos fatores decisivos para a penetração do Hamas junto à população.

O Estado⁶ deve assegurar os direitos e propiciar condições para a efetiva participação da família no desenvolvimento de seus filhos; sendo assim, a intervenção estatal no campo das políticas sociais e especificamente no âmbito da assistência

⁴ HAMAS - Abreviatura para *Harakat Al Muqawama al islamia* (Movimento de Resistência Islâmica) de ideologia islâmica é uma organização política, cultural e social calcada em bases populares que possui uma ala militar separada, especializando-se na resistência armada contra a ocupação israelense. Ocupa hoje a maioria dos assentos no conselho legislativo da Autoridade Nacional Palestina. Passou a existir oficialmente em 14 de dezembro de 1987 ao emitir uma autodeclaração mediante um comunicado oficial poucos dias depois da eclosão da primeira *intifada*, revolta palestina em 8 de dezembro. A decisão de criar o Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) foi tomada no dia seguinte à *Intifada* pelos líderes dos Irmãos Muçulmanos Palestinos, xeque Ahmed Yassim, Abdul ‘Aziz al Rantisi, Salah Shehadeh, Muhammad Sham’ah, Isa al Nashar, ‘Abdul Fattah Dukhan e Ibahim Al Yzuri HROUB (2008: 38- 45).

⁵ Operar a “noção de carência” é validar a noção de carência ou de um espaço a ser preenchido, que por várias circunstâncias não o foi. Como se pode notar, essa concepção não é relacional, como é a de desigualdade que pressupõe a igualdade. Ao constar a desigualdade, há o deslocamento de uma relação social e política para o âmbito de uma circunstância, fenômeno ou situação. Atender aos carentes volta a ser um ato moral, ético, isto é, humanitário, destituído porém da dimensão econômica e política pela qual a sociedade se organiza. Põe em questão a concepção ético-social ante a econômica-política contida no exame da assistência social SPOSATI (2002:16).

⁶ Aquilo que aprendemos a chamar de Estado é hoje, na verdade, o Estado-nação moderno, que só fez sua entrada no palco mundial depois do tratado de Westfália em 1648. Embora no século XIII, e em algumas regiões da Europa, um elemento contratual já houvesse penetrado o espaço cívico, foi o tratado de Westfália que deu o *status* de instituição formal ao conceito de Estado

configura-se nesse quadro como uma modalidade de resposta a miserabilidade da população. Porém, a Faixa de Gaza está inserida nos territórios ocupados por Israel na Palestina. Não se trata de um Estado legítimo que tenha quem os proteja efetivamente do desemprego e da fome, essa é uma região que depende da ajuda de instituições como a ONU, A agência das Nações Unidas de Assistência a Refugiados Palestinos (UNRWA), de doações de outros países inclusive do Brasil e principalmente da Autoridade Palestina (AP), responsável em prover também a assistência social, tanto na Cisjordânia quanto na Faixa de Gaza. Entretanto, a precária intervenção pública no campo do social criou as condições para uma movimentação mais intensa do Hamas nas questões sociais, mais efetivamente depois da primeira *Intifada* (revolta com pedras 1987).

Desde os tempos da Segunda Guerra Mundial, a Irmandade Muçulmana⁷ Palestina e mais tarde o Hamas, tomaram para si a obrigação de cuidar dos menos favorecidos. Desde então atua em vários setores na tentativa de minimizar a pobreza oferecendo serviços de assistência social. De acordo com SPOSATI (2002, p. 8) O conceito de desamparado ou necessitado é atribuído à condição de fragilidade física associada à econômica,

responsabilizando o Estado de suprir um amparo mínimo a tais cidadãos.[...] A assistência social é universal enquanto ocorre em qualquer sociedade, pessoas portadoras de deficiências físicas ou mentais, entre outras situações de fragilidade, devem contar com programas governamentais de apoio a sua manutenção.

O necessitado seria aquele que não tem trabalho, ou salário, e a assistência social, seria um substitutivo, com os serviços sociais oferecidos pelas políticas sociais. A assistência social é política de seguridade social⁸ não contributiva, que garante o atendimento as necessidades básicas dos menos favorecidos (a seguridade nesse caso é associada à substituição de renda); o campo é o dos necessitados. YAZBEK (2003, p.53) considera, a assistência social como um conjunto de práticas desenvolvidas direta ou indiretamente, “junto aos necessitados com o sentido de compensação de sua exclusão. O assistencial é neste sentido campo concreto de acesso a bens e serviços, enquanto oferece uma face menos perversa ao subalterno”. A proteção social seria, portanto, geradoras de vantagens que não são somente individuais, mais também

que emergia naquele continente. Ainda assim, o conceito não teria alcançado o poder que futuramente alcançou, se a Revolução Francesa não o tivesse subscrito. Ligando a história do Estado à história do nacionalismo NANDY *apud* SACHS (2000, p.84).

⁷ Irmandade Muçulmana. Teve o seu início em 1928 no Egito, fundada pelo pensador Hassan Al Banna. Os movimentos da Irmandade Muçulmana são os movimentos políticos mais atuantes no Oriente Médio. Prega a união de todos os muçulmanos em uma só nação HROUB (2010, p.32).

⁸ O último *World Development Report* 1988 considera sistema de seguridade social “os programas públicos que garantem a subsistência no caso de perderem sua fonte de renda, por aposentadoria, invalidez, enfermidade, acidente de trabalho e desemprego SPOSATI (2002, p. 8-9). O conceito de seguridade social se faz ou nos marcos extensivos de um Estado Providência, distributivo de serviços sociais básicos a toda a população, ou em marcos restritos, isto é apenas aos necessitados SPOSATI (2002, p. 8-9).

coletivas. Segundo a fórmula de F. Hutchison (1988) *apud* YAZBEK (2003 p.53), “a maior felicidade para o maior número de gente”. Encontrar a coletividade através do indivíduo. A assistência extrapola o sentido do assistencialismo, da doação de algo ou prestação de serviço a alguém. Ela é destinada à população mais vulnerável, com o objetivo de superar exclusões sociais, defender e vigiar os direitos da cidadania e da dignidade humana e não pode ser entendida como uma ajuda, que é o princípio fundamental do assistencialismo e voluntariado. O artigo propõe fazer uma análise da atuação do Hamas no intuito de entender o que motivou a população palestina a delegar-lhe apoio.

O procedimento metodológico para a realização desse trabalho está baseado no método histórico. O método histórico permite buscar as diferenças a partir de processos mais amplos. (compreender a história como processo). Nesse sentido elencaremos que fatores podem ter contribuído para o sucesso de cunho popular do Hamas. A pesquisa bibliográfica conduzirá todo o trabalho a ser desenvolvido nesse estudo.

Um movimento, seja ele qual for, não pode ser apenas consolidado com base em seus trabalhos sociais ou arranjos políticos. O instrumento clássico de legitimação de regimes e movimentos políticos e sociais é naturalmente a ideologia; todavia mesmo as justificativas ideológicas extrapolam o discurso. José Murilo de Carvalho (1990) em sua obra a “*Formação das Almas*” aponta que é “através do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mais de modo especial, o coração, isto é as aspirações, os medos e as esperanças de um povo” CARVALHO (1990, p.10). A questão do imaginário, ganha relevância a partir da assertiva, com a qual concordamos, de que o homem está sempre imerso numa rede de sentidos (Weber) ou numa comunidade de sentidos (Baczko 1985). Ou seja, é a partir do social que os homens interagem entre si e constroem suas identidades. É a partir do social também, ou da produção social de bens simbólicos, que se estabelecem relações de poder e de sentido, onde se garanta a hegemonia ou onde ela seja quebrada.

Parte superior do formulário. Por isso, a luta acaba sendo por fazer crer, por significar, onde o imaginário social serve ao antagonismo, por exemplo, sobre o qual foi construída a sociedade palestina dos territórios ocupados. Para BASZCO (1985, p.299), exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio.

Os bens simbólicos (...) nada tem irrisórios e não existem (...) em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. Prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. Os dispositivos de repressão que outros poderes constituídos põe em pé, a fim de

preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o caráter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas de poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc.

O imaginário não é ilusório, mas um efeito do real. Para BOURDIEU (2006, p.9-14), o poder simbólico é um poder de construção da realidade,

que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e em particular, do mundo social). [...] O poder simbólico tem o poder de se fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e desde modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização.

No imaginário das pessoas que vivem nos territórios ocupados da Palestina, depois de longos acordos de paz que no fim nunca responderam aos anseios da população de uma maneira satisfatória, o Hamas, com a sua carga de trabalhos sociais, de lutas das quais muitas de forma violenta, um símbolo da resistência palestina, parecia poder naquele momento, dar a solução ao menos em parte para aqueles que já não tinham muita esperança por mais de meio século. Nessa medida, o Hamas, soube ao que parece usar o imaginário social em seu benefício, dado que eles podem de certa forma, modelar condutas. Segundo CARVALHO (1990, p. 10),

O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias [...], mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos [...]. Os símbolos e mitos podem tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos [...]. A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.

Nessa perspectiva, o Hamas, em suas várias faces, juntamente com o seu trabalho social, soube ao que parece canalizar os sentimentos coletivos no esforço de criar uma nova sociedade, um novo sistema político ao longo dos anos. Como exemplifica CARVALHO (1990, p. 11) quando cita o caso da Revolução Francesa. “Mirabeau disse-o com clareza: não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo a ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo. Para a Revolução, educação pública significava acima de tudo isto: formar as almas.” Seguindo essa mesma política e provavelmente influenciada por ela desde a chegada de Napoleão ao Egito em 1798, que a Irmandade Muçulmana e posteriormente o Hamas, pregaram a importância da educação e da islamização da sociedade como meio de transformação, de mudança, de formação das almas, “preparação de gerações” HROUB (2008, p.41).

Segundo ANTES (2003, p. 107), “Quando o povo absorvesse a mensagem do Islã e se deixasse transformar por ela, a nação se tornaria muçulmana sem conquista violenta.”

Importante destacar que a Plataforma eleitoral do Hamas por “mudança e reforma” trás em seu bojo toda a ideologia pregada pelo movimento desde o seu início, porém, numa linguagem mais sutil e menos radical. Um programa abrangente para a libertação da Palestina coerente com os anseios do povo. Podemos perceber isso através de pesquisas realizadas antes das eleições de 2006.

Toda a trajetória do Movimento de Resistência Islâmico (Hamas), desde a primeira *intifada* ocorrida em 1987, vinha realçando que o grupo dispunha de um importante capital de apoio social representado tanto pelos jovens pobres quanto pela burguesia do comércio. Por capital social se entende a habilidade dos indivíduos em garantir benefícios por meio de associação em redes de relações sociais. Segundo PUTMAN (1993, p. 177-179), “o capital social visto como um fenômeno social está fundamentado em dois aspectos centrais: a associação de indivíduos em redes ou outras formas de organização horizontal e a existência de confiança mútua e reciprocidade”. Capital é uma palavra símbolo do capitalismo, que remete a recursos econômicos, mercado, riqueza etc.

“O termo capital é de definição bastante complexa, pois a linguagem comum o define como sendo um bem que um indivíduo possui como riqueza” BOTTMORE (1988, p. 44). Já no contexto da obra de Karl Marx:

(...) capital não é uma ‘coisa’, mas determinada relação de produção, social, pertencente a determinada formação sócio-histórica, que se representa numa coisa e dá um caráter especificamente social a essa coisa. O capital não é a soma dos meios de produção materiais e produzidos. São os meios de produção monopolizados por determinada parte da sociedade, os produtos autonomizados em relação à força de trabalho viva e às condições de atividade exatamente dessa força de trabalho, que são personificados no capital por meio dessa oposição MARX (1988, p. 251).

O conceito de capital social guarda, portanto, um contraste de difícil entendimento; se capital envolve os meios de produção concentrados e acumulados, um estoque de bens físicos, o capital social envolveria um estoque de *bens sociais abstratos*, como confiança, normas sociais e relações interpessoais. O capital social está fundado em relações sociais, e aspectos dessa estrutura social – tais como relações, normas e confiança social – podem ajudar a desenvolver a coordenação de atividades e a cooperação em torno de projetos de benefício comum. O capital social refere-se, então, à capacidade e à habilidade dos cidadãos de conectarem-se.

Consoante D’ARAÚJO (2003, p. 9) Nos anos 90, o Banco Mundial passou a distinguir quatro formas de capital,

Capital Natural: que corresponde aos recursos naturais de um país;
Capital financeiro: que é o resultado do que é produzido pela sociedade em termos de infra- estrutura, bens de capital e assim por diante;
Capital humano: reflete saúde, educação e nutrição da população; e
Capital social: relaciona-se a capacidade da sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos.

O capital social pode ser constituído por elementos como informações, idéias e apoios compartilhados entre pessoas e grupos de pessoas. Normas e relações de confiança que existe entre cidadãos de uma dada sociedade. Sistema de participação que estimulam a cooperação. Quanto maior a capacidade dos cidadãos confiarem uns nos outros, além de seus familiares, bem como, maior e mais rico for o número de possibilidades associativas numa sociedade, maior o volume de capital social. BURT (1992, p.2001), A estrutura da rede social, pode ser entendida como um conjunto de pessoas que possuem entre si algum tipo de relação, com alguma freqüência e obedecendo a algum tipo de padrão e valores. Uma pessoa no interior de uma rede social possui melhor acesso aos recursos disponibilizados por ela. BURT (1997, p. 339), considera “o capital social como parte integrante do capital humano, mas este se refere a uma habilidade pessoal, enquanto o capital social se refere a oportunidades”. Pode-se dizer que o capital social é a “cimento” que permite manter as instituições unidas.

Capital social é um conceito abstrato de difícil definição. BOURDIEU (1998, p. 67), versando sobre a questão, define capital social como sendo,

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de ligações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e inter-reconhecimento.[...] O volume de capital social que um indivíduo possui depende da “extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital pertencente a quem está ligado.

Consoante COLEMAN (1990, p. 302), capital social é definido por suas funções, não uma entidade única, “mas uma variedade de entidades com duas características em comum: todas são parte de uma estrutura social e facilitam a ação de alguns indivíduos que estão dentro da estrutura”. O capital social é o resultado do que é produzido pela interação social entre indivíduos ou grupos no sentido de cooperação e reciprocidade. Sendo assim, o capital social contribui para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.

Para KEPEL (2003, p. 484), a tarefa do grupo Hamas era fazer frutificar esse capital social acima explicitado no sentido de,

Aproveitar do descontentamento com a lentidão ou os impasses do processo de paz, ou mesmo do autoritarismo ou da corrupção dos líderes da Autoridade Palestina. Era

preciso manter a pressão sem se enveredar pelo terrorismo dos grupos islâmicos radicais, que se deixavam levar pelo apelo a *jihad*.

É claro que de nada serviria essa idéia de capital social caso estivesse apenas ligada a algum tipo de “determinismo cultural”, (herança cultural recebida). Contudo, o termo “capital” já nos remete a uma interpretação como algo acumulável, passível de mudança no tempo, mesmo que de forma lenta e gradual.

Durante os vários anos que precederam as eleições de 2006 para a CLP, os resultados do Hamas em todos os tipos de eleições, incluindo uniões estudantis, associações profissionais e municipalidades, atingiram entre 35% e 45% dos votos, funcionando como uma espécie de termômetro, medindo o grau de aceitação do Hamas junto à sociedade palestina, ou melhor, medindo o capital social do movimento. Ainda que o Hamas tenha sido desde a primeira *intifada* 1987, proibido de atuar e muitos de seus militantes foram presos ou exilados em 1990, mesmo assim, conseguira capitalizar, em torno das candidaturas para as eleições das entidades de classe, representadas por simpatizantes e pelos temores causados por uma negociação de paz que parecia extremamente desfavorável aos interesses palestinos. KEPEL (2003, p.487), salienta que em março de 1992, “Os islâmicos obtiveram uma vitória incontestável na câmara de Comércio de Ramallah_ cidade secularizada onde viviam muitos cristãos_ mostrando que o Hamas realmente tinha o apoio da classe média”. Em outras ocasiões, fortalecido pelas urnas⁹, o Hamas demonstrou a sua penetração junto a burguesia religiosa, também não negligenciou, no entanto, a necessidade de expressão da juventude pobre radicalizada e conservou o controle das ruas em detrimento da OLP.

De qualquer modo, muito dos altos e baixos no número de votos recebidos pelo Hamas em vários anos de sua participação política também corresponderam ao ambiente político no período daquelas eleições em particular. HROUB (2003, p.114) falando acerca dessa oscilação do grupo assim se manifesta.

Quando as pessoas se sentiam mais esperançosas quanto à evolução das negociações de paz com Israel, o “programa de resistência” do Hamas tendia a gerar mais dúvidas e ocorria uma redução no número de seus partidários. Contrariamente, quando a frustração com as negociações era aumentada e exacerbada pela contínua humilhação provocada pelos israelenses, nesse clima tenso o Hamas tendia a ganhar apoio em qualquer eleição que houvesse.

⁹ Assim como no Egito, as eleições para as entidades de classe da Palestina, supostamente livres, serviam para testar a influência islâmica, principalmente na classe média; o mesmo ocorria com as eleições estudantis, um bom indicador da força do movimento nas universidades KEPEL (2003, p.487)

Segundo a prévia da corrida eleitoral para 2006 no Conselho Legislativo Palestino levantada pelo o *Department of State, Whashington, DC, 20520, January 19, 2005 M-05-06 Hamas and Fateh Neck and Neck As Palestinian Elections Near*¹⁰, E

Entre os prováveis eleitores, 32 por cento pretendem votar Fatah na cédula Nacional, enquanto 30 por cento dizem que vão apoiar o Hamas. A corrupção é a questão que impera entre a população palestina, a maioria acredita que o Hamas é mais qualificado do que Fatah para limpá-lo. Enquanto o Hamas é visto como menos capaz que Fatah para avançar as negociações com Israel, a maioria de ambos, os Fatah e simpatizantes do Hamas querem um continuação do cessar-fogo, negociações em curso com Israel, e uma solução de dois Estados. (wallachma@state.gov; smeltzd@state.gov).

Como dito, a autoridade Palestina (AP) responsável em prover também a assistência social, tanto na Cisjordânia quanto na Faixa de Gaza vinha deixando muito a desejar em seus serviços além de ser acusada de corrupção em seu governo. Nessa perspectiva, livrar os territórios da corrupção pesou muito na hora de escolher o partido. Os desvios de verba para a assistência e educação eram vergonhosas. Sendo assim, quase um terço de todos os eleitores (29%) tinha em primeiro lugar a corrupção como a questão mais importante na próxima eleição. Em seguida, com (20%) a questão da lei e da ordem. Com (14%) a questão da libertação dos prisioneiros. E finalmente, com (12%) a questão do emprego e da economia. Da mesma forma, (34%) do público acredita que “a reputação de não ser corrupto” é a qualidade essencial a se considerar na hora de escolher o partido ou candidato. 13% consideram a experiência econômica, (12%) levam em conta as credenciais acadêmicas e (10%) consideram a história de lutas nacionais.

De acordo com a pesquisa sobre intenções de votos, o Hamas já se despontava como o partido que ficaria com o maior número de cadeiras no parlamento Palestino em 2006. Segundo o mesmo documento *Office of Reseach in Departament of State Washington, DC, 20520. January, 19, 2005*¹¹ aponta:

A confiança no Hamas (Up) sobe, e a confiança em Fatah é estável. O provável sucesso do Hamas nas urnas reflete o aumento a longo prazo da confiança do público na resistência e nos trabalhos sociais do Hamas. a proporção na pesquisa

¹⁰ Prepared by Michael Wallach and Dina Smeltz (wallachma@state.gov; smeltzd@state.gov) Issued by the Office of Research, U.S. Department of State (202.203.7932). Acessado em: 30-09-2011.

¹¹ Prepared by Michael Wallach and Dina Smeltz (wallachma@state.gov; smeltzd@state.gov). Issued by the Office of Research, U.S. Department of State (202.203.7932). Os resultados são baseados em uma pesquisa de opinião pública nacional realizada 13-15 janeiro de 2006. Face-a-face. Foram realizadas entrevistas com 1000 adultos Palestina (com idades entre 18 e mais anos) na Cisjordânia, Gaza e leste Jerusalém. O trabalho de campo foi realizado pelo Centro de Mídia de Jerusalém e Comunicações. o perguntas foram escritas pelo Escritório de Pesquisa e traduzido pelo contratante, com Escritório de Pesquisa aprovação. Os entrevistados foram selecionados por amostragem aleatória estratificada, com estratificação com base na região (Gaza (37%), West Bank (53%), e Jerusalém Oriental (10%)). A margem de erro, assumindo um nível de confiança de 95%, é de $\pm 4\%$ para a amostra total. A margem de erro é maior quando as análises são realizadas entre os subgrupos. Além de erro de amostragem, os desafios práticos da pesquisa de opinião também pode introduzir outras fontes de erro as descobertas. Informações adicionais sobre a metodologia pode ser obtida a partir do analista.

de janeiro, que dizem confiar Hamas coincide com a alta histórica de 27%, visto pela primeira vez na Primavera de 2005, representa um aumento de 6 pontos desde novembro. O Apoio ao Fatah tem se mantido estável desde o final do outono, caindo apenas 2 pontos percentuais. O impulso recente em confiança para o Hamas parece não vir das tradicionais fileiras, , mas daqueles que anteriormente confiavam em “nenhum partido” ou no Fatah (10% versus 19% agora em novembro).

Tomando o exposto, e, ao que parece ao longo de tantos anos de trabalhos sociais e de resistência a ocupação israelense, o Hamas no momento que se colocou como partido político disposto a participar das eleições de 2006 e como salienta HROUB (2008, p. 21), “difícilmente se pode dizer que o povo palestino votou no Hamas essencialmente por razões religiosas”. Ao contrário, isso aconteceu pelo capital social agregado e por aquilo que Baczkó citado por José Murilo de Carvalho (1990) atribui à comunidade de sentidos.

Um símbolo estabelece uma relação de significado entre dois objetos, duas idéias, ou entre objetos e idéias, ou entre duas imagens. Embora estabelecimento dessa relação possa partir de um ato de vontade, sua aceitação, sua eficácia política, vai depender da existência de comunidade de imaginação ou comunidade de sentido (CARVALHO, 1990, p. 13).

Nessa perspectiva inexistindo esse terreno comum de comunidade de imaginação, que terá suas raízes, seja nas aspirações coletivas ou no imaginário coletivo em busca de um novo imaginário, “a relação de significado não se estabelece, e o símbolo cai no vazio” CARVALHO, 1990, p.13). O que não ocorreu com o grupo Hamas, os seus eleitores naquelas eleições, endossou a opinião de que as pessoas estavam votando por um novo sangue e por um movimento nacionalista de libertação que prometia mudar e reformar todas as frentes tanto políticas quanto sociais. Quando as partes são diretamente comparados, os prováveis eleitores tendem a ver o Hamas como mais qualificado para limpar corrupção, resistir à ocupação, e defender os valores sociais.

Assim, aqueles que acreditam que a corrupção é a questão mais importante na eleição são mais propensos a votar no Hamas (40%) do que Fatah (25%) Aqueles que se identificam como “religiosos e conservadores” também tendem a preferir o Hamas (47%) para Fatah (28%). [...] falta de esperança no processo de paz podem também contribuir para o apoio ao Hamas. Prováveis eleitores que têm pouco ou nenhuma esperança de que haverá uma solução pacífica para o conflito claramente preferem Hamas (30%) para Fatah (12%). Além disso, aqueles que acreditam na resistência armada contra Israel é a questão importante na campanha são duas vezes mais propensos a votar no Hamas (55%) do que votar em Fatah (21%). Office of Research. Department of State Washington, DC, 20520. January, 19, 2005¹².

¹² Prepared by Michael Wallach and Dina Smeltz (wallachma@state.gov; smeltzd@state.gov) by the Office of Research, U.S. Department of State (202.203.7932).

Sendo assim, foi esse o cimento que provavelmente uniu o povo e o Hamas. “o sentido de identidade” CARVALHO (1990). Porque diante de todos os problemas, no imaginário coletivo, o Hamas parecia estar correspondendo aos anseios dos palestinos do que o Fatah, um movimento de ideologia secular, como exemplificado acima. Não podemos descartar o peso que tem a religião tanto na Faixa de Gaza quanto na Cisjordânia. Afinal, o Hamas é uma mistura de movimento de libertação e partido religioso.

Após anos de luta persistente, tornou-se o agente principal tanto nos parâmetros dos conflitos árabes e palestino-israelenses quanto na arena política islâmica na região. [...] Usando estratégias numerosas e interligadas, para expandir as atividades educacionais, sociais e obras de caridade, além da propagação religiosa o grupo conseguiu se tornar amplamente popular no eleitorado palestino, tanto dentro como fora da palestina HROUB (2008, p.17).

Mas fazendo uma retrospectiva de apenas uns poucos anos que antecederam essa vitória, talvez possamos entender que além de todo um trabalho em prol do povo palestino, dessa comunidade de sentidos dentro do território ocupado, o próprio panorama mundial e as políticas adotadas pelos Estados Unidos da América, União Européia e Israel naquele contexto, deram a sua contribuição numa espécie de plano imperialista¹³ para a palestina. Só para citar alguns: o trauma causado ao mundo árabe pela invasão anglo-estadunidense ao Iraque em 2003, a morte de Arafat em 11 de novembro de 2004 e substituído em seguida por Abbas. Como completa o professor Mário Maestri,¹⁴

Seguido pela ambiciosa operação, a eleição de Abu Abbas, de 69 anos, antigo guerrilheiro ganha à colaboração, primeiro como dirigente do Fatah e, em 9 de janeiro de 2005, como presidente da Autoridade Nacional Palestina – ANP –, o arremedo de governo permitido pelos israelenses aos palestinos sob ocupação. Primeiro ministro em inícios de 2003, Abu Abbas renunciou por opor-se a Arafat. Com pouco prestígio entre os palestinos, foi um duro crítico da segunda “*Intifada*” e defensor do fim dos ataques a Israel. A eleição de Abu Abbas foi facilitada pelo seqüestro, em 2002, e condenação à prisão perpétua, a seguir, pelo Estado de Israel, do popular, carismático e combativo Marwan Barghuti, dirigente do Fatah na Cisjordânia. Hoje com 46 anos, Barghuti foi um dos principais organizadores, em 1987-93, da primeira “*Intifada*”, a guerra dos Davids armados de pedras contra os Golias encerrados em blindados, e tem sido igualmente crítico implacável da corrupção e dos excessos da ANP. A terceira e última etapa política do ambicioso plano do imperialismo constituía a vitória eleitoral total, nas últimas eleições parlamentares de 25 de janeiro, dos seguidores da Fatah de

¹³ IMPERALISTA/IMPERIALISMO- Prática, teoria e atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante, em que o Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política SAID (1995, p.40). Imperialismo, termo que passou a fazer parte do vocabulário político e jornalístico nos anos de 1890 no decorrer das discussões sobre conquista colonial. Ademais, foi então adquirida a dimensão econômica que, como conceito, nunca perdeu. Também usado para denotar o movimento mais poderoso na política atual do mundo ocidental HOBBSAWN (1988, p.92).

¹⁴ Mário Maestri- Doutor em História pela UCL Bélgica, e professor do Programa de Pós-graduação em História UPF. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/057/57ip_maestri.htm Acessado em 30-05 2011.

Abu Abbas. Para tal, manipulou-se vergenhosamente as listas de candidatos daquele movimento, marginalizando os nomes comprometidos com a resistência e privilegiando aqueles que se esbaldavam na colaboração e no usufruto privado das escassas verbas cedidas pelos USA e pela União Européia para financiar a ANP.

Nessa medida, em nome e com o apoio de Israel, o novo governo reprimiria todos que se opusessem, dentro e fora da OLP, ao abandono das reivindicações palestinas: liberdade dos prisioneiros políticos; devolução dos territórios ocupados em 1967; direito de retorno das populações expulsas; independência do setor oriental de Jerusalém; constituição de Estado palestino soberano. Entretanto como assinala o mesmo autor citado acima,

Em nome da *paz*, o governo palestino liderado por Abu Abbas aceitaria a constituição de um Estado fantoche e desmilingüido, formado pela faixa de Gaza, recém-desocupada; por alguns enclaves territoriais na Cisjordânia, cercados por possessões israelenses, à semelhança dos bantustãos do finado regime racista sul-africano. Em vez de uma nação palestina independente, um protetorado israelense, sem capital, sem unidade territorial, sem autonomia econômica, sem autoridade sobre suas políticas, fronteiras, finanças, exército MAESTRI¹⁵.

Nesse sentido, esperava-se com esse plano, que a repressão das forças combatentes vergasse a disposição de resistência, criando as condições políticas, sociais e militares para a reorganização geral da sociedade e economia palestina, sob o controle de Israel. Todavia, a população palestina desarmou inexoravelmente a trama ardilosamente tecida, deslocando simplesmente grande parte do apoio que concedera ao Fatah, de Yasser Arafat, para o Hamas, de Ismail Haniya¹⁶. Retirou, assim, sem complacência, o apoio dado à Abu Abbas, devido a sua rendição ao imperialismo e ao sionismo e de certa forma confirmando essa comunidade imaginada, o terreno comum que tanto a população palestina e Hamas compartilhavam. Isolou e enfraqueceu profundamente o presidente palestino e seus aliados, ao colocar no coração do próximo governo organização execrada como “terrorista” pelo governo estadunidense, ao igual que o IRA as FARC, o Hesbolah entre outros.

Não somente todas essas tramas que levaram a derrota do Fatah contribuíram para a vitória do Hamas. Mas, como mencionado anteriormente, nada seria possível sem razões como um trabalho social e de resistência a ocupação de anos, sentimento

¹⁵ Mário Maestri- Doutor em História pela UCL Bélgica, e professor do Programa de Pós-graduação em História UPF. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/057/57ip_maestri.htm Acessado em 30-05 2011.

¹⁶ ISMAIL HANIYA-(braço de Gaza, primeiro-ministro do governo Hamas). Nasceu no campo de refugiados em Chatti, em Gaza, no ano de 1962; Haniya cresceu completamente imerso na miséria dos palestinos que perderam suas terras e foram parar em empobrecidos campos de refugiados. Com a formação do Hamas, Haniya esteve à frente como um dos membros fundadores mais jovens. Depois da primeira *intifada*, em 1997, foi preso várias vezes, e em 1992 deportado para o sul do Líbano com 415 ativistas islâmicos. [...]. Haniya é uma dos mais conhecidos líderes moderados do Hamas.

de pertencimento, de comunidade de sentidos, e o capital social acumulado ao longo dos anos. De acordo com HROUB (2008, p. 97), “pelo menos metade dos eleitores apoiou abertamente o Hamas por causa de seus projetos e objetivos apresentados. A outra metade foi influenciada por outras forças.” Mas todas, de alguma maneira, ligadas aos anseios do povo palestino.

O fracasso do processo de paz, o contínuo aumento da brutalidade israelense deixou os palestinos sem esperança em negociar um acordo pacífico de paz com Israel. Mediante tal realidade, toda a frustração das negociações de paz, dos acordos de Oslo e tudo o que resultou deles, mais as ardilosas tramas para colocar o Fatah no poder contribuiu na verdade para a sua derrocada e consequentemente a vitória do Hamas nas urnas.

Em setembro de 1993, num encontro chamado Declaração de Princípios ou “Declaração de Oslo” previa que Gaza e Jericó seriam os primeiros territórios a ser entregues a OLP o que dava motivo de satisfação para ambos os lados. Para KEPEL (2003, p. 498), com esse acordo,

Israel conseguia se livrar da incômoda Faixa de Gaza, onde o custo de manutenção da ordem era demasiadamente elevado, e o comando central palestino podia anunciar à sua população um primeiro resultado tangível, prelúdio da criação de um Estado independente. A OLP esperava que esse avanço simbólico tivesse um efeito positivo sobre a engrenagem política, permitindo-lhe retomar a iniciativa política que o sucesso do Hamas havia prejudicado.

Todavia, apesar da popularidade momentânea que a OLP obteve nos territórios ocupados, mediante esse acordo, ele também facilitou a abertura de oposição anti-Arafat que se uniu em torno do Hamas. A classe média religiosa queria participar, mesmo que fosse como oposição do novo poder político. HROUB (2008, p. 98) considera que outro fator decisivo para a derrota do Fatah foi a sua incompetência, não apenas externamente nas negociações de paz, mas,

Também falhou de forma lamentável ao lidar com a vida diária da população palestina. A má administração, a corrupção e o roubo foram os “atributos” usados para descrever seus principais líderes, ministros e membros do alto escalão. Como a pobreza e o desemprego atingiram níveis sem precedentes, o estilo de vida extravagante dos altos funcionários palestinos enfureceu a população, e as eleições deram ao povo o poder de punir esses dirigentes.

Concernente ao assunto, em entrevista ao *Globo Online*¹⁷, 26 -jan-2006, o diretor do Grupo Palestino de Monitoramento dos Direitos Humanos, Bassem Eid,

¹⁷ Entrevista Globo Online –A vitória do Hamas é terremoto político. Disponível em: <http://midiajudaica.blogspot.com/2006-01-01-archive.html> . Acessado em: 07-06-2011.

afirmou que um “terremoto político” atingiu os territórios palestinos assim que o Hamas saiu vitorioso.

Acho que o próprio Hamas ficou chocado e surpreso de como eles conseguiram um número tão grande de votos - disse. A crise interna do Fatah foi uma das razões para a vitória do grupo extremista nas eleições palestinas. As ameaças de Israel e da comunidade internacional também levaram o Hamas a conquistar o maior número de cadeiras no Parlamento. Mas o principal foi que, nos últimos anos, nós, palestinos, temos ouvido da Autoridade Nacional Palestina tantas promessas, inclusive de combate a corrupção, e nada aconteceu. Os palestinos ficaram cheios dessa situação explicou. Muitos cidadãos de “mente aberta”, democráticos, votaram no Hamas porque acreditaram que o movimento é o único capaz de realizar mudanças.

A maior vitória nesse complexo tabuleiro político, talvez tenha sido porque a mudança ocorrida naquele período foi fundamental e se deu sem violência de maneira pacífica, dando aos palestinos e ao Hamas um sentimento de orgulho por terem abraçado a “democracia” e respeitado o resultado final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento Hamas desde o seu aparecimento, teve a sua imagem vinculada aos aspectos mais negativos. Uma imagem negativa e militante, taxada de terrorista, que foi e ainda é transmitida pela mídia numa espécie de demonização de seus inimigos, que ganhou o mundo, como um discurso de verdade deformando o teor do movimento.

De fato, não podemos negar que o Hamas no seu início era radical e extremista, cometeu graves atos de violência e “terror” contra Israel. De qualquer modo, nunca foi minha intenção nesse trabalho defender ou fazer apologia à violência e ao terrorismo. Tentei de maneira imparcial compreendê-lo. A grande questão em tela, é que, a única perspectiva do Hamas conhecida é a de “terrorista” e, com isso, acabamos ficando apenas com uma versão da história e nos esquecemos de olhar para trás, não levando em conta os problemas enfrentados pelos palestinos, questões que não são novas.

A segregação e exclusão imposta ao povo palestino, fez crescer o sentimento de territorialidade e a consciência da necessidade de lutar pela liberdade, pelo direito de participar do “jogo” do mundo, de sair da esfera dos “*sem direitos*” e muitas vezes uma comunidade considerada excluída, pode reforçar as relações sociais entre si e chegar com o tempo a seu ponto explosivo. Desenvolvem-se de tal maneira, que o diálogo ou a tentativa de uma resolução por meio de acordos se torna bastante difícil.

O fracasso das negociações, juntamente com o bloqueio imposto por Israel, disseminou a falta de esperança em se alcançar uma resolução para esse, que é um dos mais longos conflitos políticos entre nações na atualidade.

A grave situação sócio-econômica em Gaza e na Cisjordânia devido ao bloqueio que Israel vem impondo ao desenvolvimento palestino desde 1967 e que se agravou após as *intifadas* continuam até o presente momento. O desemprego e a falta de mobilidade entre a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental têm sido decisivos para aumentar a pobreza nos últimos anos e acentuar a dependência da população local da ajuda externa, o que dificulta as escolhas humanas. Quando a expansão das liberdades individuais e coletivas, a igualdade, e maiores níveis de justiça social não estão se fazendo presentes e ainda inibem o potencial do território para uma expansão econômica, tudo isso, proporciona o aumento dos níveis de insatisfação, desemprego e pobreza.

Com a precária intervenção pública no campo do social pela AP, as condições para uma movimentação mais intensa do Hamas nas questões sociais se fortaleceu. Nesse sentido, o Hamas tem atuado em diversas frentes ao mesmo tempo num trabalho em conjunto com outras instituições como URNWA (Agência de Assistência aos Refugiados da Palestina) na tentativa de minimizar a pobreza e o elevado desemprego na Faixa de Gaza. Contudo, apenas a distribuição de alimentos e a assistência social prestada por ambas, não resolve o problema que cresce a cada dia: deterioração da estrutura e sustentado crescimento negativo, capacidade de exportação declinante, pressões fiscais como o déficit dos gastos públicos, grande dependência externa e extrema pobreza são características da economia da Palestina.

Quando o Hamas venceu as eleições de 2006, este fato representou um divisor de águas histórico, ocasião em que uma grande mudança foi realizada na liderança do movimento de libertação nacional. Essa mudança foi significativa não apenas para os palestinos, como também para árabes de outros países, muçulmanos e demais simpatizantes da criação de um Estado palestino, isso porque, de uma forma ou de outra, viveram processos muito parecidos, de dominação e opressão pelas grandes potências desde a Primeira Guerra Mundial. A diferença é que alcançaram a sua independência e a Palestina não.

O Hamas simbolizava a mudança no sentido de libertar a palestina do jugo israelense, promover o “desenvolvimento” e combater a pobreza através da assistência social.

É ledor engano definir os resultados eleitorais de 25 de janeiro 2006 como um simples deslocamento do apoio eleitoral da população, de uma administração do Fatah corrupta e incapaz para um Hamas visto como íntegro e competente; óbvio que não. A população palestina é uma das mais politizadas do Oriente Médio.

A corrupção, antiga realidade nas filas do Fatah, foi minimizada pela população durante muito tempo, entretanto o “*jogo*” naquele momento mudara. Os palestinos ficaram cansados daquela situação. Muitos cidadãos votaram no Hamas porque

acreditaram que o movimento era o único capaz de realmente realizar mudanças. O Fatah falhou em como lidar com a vida cotidiana palestina e pela primeira vez, em mais de meio século, um grupo islâmico _engajado na libertação nacional_ tomou o comando, substituindo a liderança secular que havia controlado o destino da Palestina e o processo de tomada de decisão por décadas.

Usando estratégias numerosas e interligadas, o Hamas expandiu as suas atividades educacionais, sociais e obras de caridade, além da propagar a religião que é bastante arraigada na cultura de muitos povos no Oriente Médio. A Faixa de Gaza em especial, tem uma profunda relação com a religião, sendo assim, o grupo conseguiu se tornar amplamente popular não só no eleitorado palestino, mas fora dele.

Na ocasião das eleições de 2006 o Hamas alcançou a vitória esmagadora, com suas bases sólidas e construídas ao longo do tempo, um capital social relevante acumulado por décadas pelo seu engajamento em atividades educacionais, políticas e sociais. As atividades desenvolvidas, tanto sociais quanto educacionais nos territórios ocupados, tornaram-se mesclados com a comunidade palestina que difícil saber onde começa uma e termina a outra. O fracasso dos acordos de paz e a corrupção no Al Fatah também contribuíram de forma decisiva para a vitória do Hamas nas eleições parlamentares de 2006. Pelo menos metade dos eleitores apoiou o Hamas por seu programa e objetivos declarados; por seu essencial senso de colaboração, que o manteve próximo dos mais pobres e necessitados. A outra metade dos eleitores do Hamas foi motivada por outras forças como a má administração do Fatah.

Nessa perspectiva, naquele pleito eleitoral, o nível de frustração e raiva entre o eleitorado palestino era sem precedentes. A agressividade israelense contra palestinos só aumentara. O fracasso da Autoridade Palestina, na época sob o comando do *Fatah*, elevava o nível de desemprego, acarretando a grande parte da população a uma pobreza extrema. Além do que, o Hamas era, e ainda é mais enraizado em experiências e atitudes dos habitantes da Cisjordânia e Gaza do que o *Fatah*, havendo nessa medida, uma comunidade e uma identidade de sentidos que proporcionou vantagem ao Hamas, contribuindo para que o movimento recebesse mais apoio, além do seu eleitorado já declarado.

Portanto, a vitória do partido não foi um mero acaso e concluímos que nada seria possível se a população de Gaza e o Hamas não estivessem ligados pelas mesmas aspirações e pelas mesmas insatisfações e pelo mesmo desejo de mudanças. Inexistindo esse terreno comum de identidade, a relação de reciprocidade não se estabeleceria, e o movimento Hamas jamais teria alcançado o respaldo que alcançou.

REFERÊNCIAS

ANTES, Peter. *O Islã e a Política*, São Paulo: Paulinas, 2003.

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Manuel Corrêa de. *Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local*. In: SANTOS, M; SOUZA, M.A.A.DE; SILVEIRA, M. L. (orgs). *Território: globalização e fragmentação*, São Paulo: HUCITEC, Annablumme, 2002.
- ARBEX, Júnior José. *O mundo Árabe contemporâneo: história e geopolítica*. Disponível no Instituto da cultura árabe. <<http://www.icarabe.org>>. Acesso em 14 de janeiro de 2008.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. Porto: Enciclopédia Einaudi, 1985.
- BINUR, Youran. *Meu inimigo sou eu*. 1 ed: Scrita officinal Editorial Ltda. São Paulo, 1991.
- Bloqueio de Israel é causa da pobreza de Gaza diz a ONU*: Disponível em: http://www.publico.pt/Mundo/bloqueio-de-israel-e-causa-da-pobreza-de-gaza-diz-a-onu_1498722 Acessado em: 24-07-2011.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003.
- _____. (Org). *A Miséria do Mundo*. 7 ed. Petrópolis, RJ : Editora vozes, 2008.
- _____. *O capital social — notas provisórias*. In: NOQUEIRA, M. A. e CATANI, 1988. *Escritos de educação*. 4ª. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, pp. 65-69.
- BURT, R. The contingent value of social capital. *Administrative Science Quarterly*, volume 42, issue 2, p: 339-365. 1997.
- _____. *Structural holes: The social structure of competition*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1992.
- _____. *The Social Capital of Structural Holes*. Pre print of chapter 7. In: GUILLÉN, M;
- COLLINS, R.; ENGLAND, A. MEYER, M. *New Directions in Economic Sociology*. New York: Roussel Sage. 2001.
- COLEMAN, J. S. *Foundations of Social Theory*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press. 1990.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. Volume II, Ed: Paz e Terra, 1999.
- CASTEL, Robert. Classes Sociais, Desigualdades Sociais, Exclusão Social. In: Balsa, Casimiro; BONETI, Lindomar W.; SOULET, Marc-Henry (orgs). *Conceitos e Dimensões da Pobreza e da Exclusão Social: uma abordagem transnacional*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- CASIMIRO Balsa, Lindomar, Weslenn Boneti e Marc Henry Soulet (orgs) *Conceitos e dimensões da Pobreza e da Exclusão Social: uma abordagem transnacional*. Ijuí: Ed da Unijuí. 2006.

- CHALLITA, Mansour. *Esse desconhecido Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- CHOMSKY, Noam. *A nova guerra contra o terror*. Estud. Av. São Paulo, v.16 nº44, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em 15 de agosto de 2009.
- COMITÊ de Solidariedade a luta do povo palestino. 13 de Janeiro de 2009. Acessado em 19 de Março de 2010. Disponível em : <http://somosdospalestinos.blogspot.com/2009>. Congressional Research Service 7-5700 www.crs.gov R41514
- D'ARAÚJO, M. C. *Capital social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2003.
- DELMOTTE, Paul. *Por que o Hamas (ainda) não reconhece Israel*. 1 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://diplomatic.uol.com.br>. Acessado em 03 de Março de 2010.
- DEMANT, Peter. *O mundo mulçumano*. São Paulo: Contexto, 2004. *Desemprego na Faixa de Gaza chega a 42,5% segundo ONU*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u425288.shtml> Acessado em 08-10 2011.
- ESTATUTO DO HAMAS. Traduzido pela Organização Sionista do Brasil. Disponível em: <http://www.islamonline.net/arabic/doc/2004/03/aticle11.SHTML>
- FERREIRA, Rosila Arruda. *A pesquisa científica nas Ciências Sociais: caracterização e procedimentos*. Recife: UFPE, 1998.
- FISCHER, Nilton Bueno. *Pobreza exclui? Pedagogias do outro* In: Balsa, Casimiro; BONETI, Lindomar W.; Soulet, Marc-Henry (orgs). *Conceitos e Dimensões da Pobreza e da Exclusão Social: Uma abordagem transnacional*. Ijuí: Ed. Unjuí, 2006, p.168.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed, Rio de Janeiro, Forence Universitária, 2005.
- FRANCO, M. C. *Quando nós somos o outro: questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados*. Educação e Sociedade, ano XX, nº 72, agosto de 2000, pp. 197-230.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- Globo Online –*A vitória do Hamas é terremoto político*. Disponível em: <http://midiajudaica.blogspot.com/2006-01-01-archive.html> . Acessado em: 07-06-2011.
- GOMIDE Raphael. *Em Gaza, população vê Hamas mais forte*. Folha de São Paulo, 26 de Janeiro de 2009. P. A 10
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1991.
- GROOTAERT, C.; NARAYAN, D.; JONES, V. N. e WOOLCOCK, M. *Questionário Integrado para Medir Capital Social. (QI-MCS)*. Banco Mundial. Grupo Temático sobre Capital Social. 2003.
- GUIBERNAU, Monteserrat. *Nacionalismo: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HROUB, Khaled. *Hamas: um guia para iniciantes*. Trad. Lílian Palhares - Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.
- _____. *Hamas: Political Thought and Practice*. Washington DC; Institute of Palestine Studies, 2000.
- _____. *“O Hamas é uma reação `a ocupação.”* Disponível em fmdelacuadra.blogspot.com/2009/01/khaledhroub-ohamas-uma-reao-ocupao.html. Acessado em 12 de fevereiro de 2010.
- HUNTINGTON, Samuel. *Choque de civilizações*. Paris: Odile Jacob, 1997.

- KAMEL, Ali. *Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- KEPEL, Gilles. *Jihad: expansão e declínio do islamismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed, 2003.
- KIRK, George E. *História do Oriente Médio: desde a ascensão do Islã até a época contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967
- LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. *A crise do Islã: guerra santa e terror profano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2004.
- _____. *O que deu errado no Oriente Médio?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.2002.
- MAESTRI, Mário. Doutor em História pela UCL Bélgica, e professor do Programa de Pós-graduação em História UPF. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/057/57ip_maestri.htm. Acessado em 30-05 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Ideologia*. São Paulo: Global. 1994.
- MARTINELLI, Lucas. *Reflexões sobre pobreza*. Entrevista com Majid Rahnema. CIEPAC, Milão, Itália. 04 de Julho de 2006. Acessado em 03 de junho de 2009, Disponível em <http://www.ciepac.org/boletins/chiapasaldiaphp?id=509>
- MARX, K.. *O Capital*. Volume 5, São Paulo: Nova Cultural, (coleção Os Economistas). 1988.
- MILANI, C. *Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas* (Bahia, Brasil). Salvador, 2003. Disponível em: www.ufba.br/capitalsocial em 16/fev/2004.
- MOHAMMED Salen/ Reuters. *EUA e Israel conspiram para desestabilizar Hamas*. Estado de Minas, 15 de Fevereiro de 2006. p. 20.
- NAJIB, Mohammed, "Hamas cria braço de inteligência externa," Jane Analista de Assuntos Islâmicos, 29 de janeiro de 2010 *apud*. *Prepared for Members and Committees of Congress* Disponível em: Congressional Research Service 7-5700 www.crs.gov R41514. Acessado em 28-09-2011.
- NASSER, Alan. *Hamas, Israel, Gaza e resistência violenta: a estrutura histórica e política da crise atual*. 04 de Janeiro 2009. Disponível em <http://www.resistir.info/palestina/historicocrise.html>. Acesso em: 23/10 2010.
- OFFICE OF RESEARCH, US, DEPARTMENT OF STATE. 202.203.7932 Prepared by Michael Wallach and Dina Smeltz (wallachma@state.gov; smeltzd@state.gov).
- ONU EM AÇÃO. Disponível em Nações Unidas no Brasil:: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/> acessado em: 01 10 2011.
- PAGDEN, Anthony. *Mundos em Guerra: a luta de mais de 2.500 anos entre o Oriente e o Ocidente*. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2010. Parte superior do formulário
- PARGETR, Alison, *The New Frontiers of Jihad. Radical Islam in Europe*, Londres, I.B. Tauris, 2008, p. 4.
- PISANO, V.. *Introduzione al terrorismo Internazionale*. Roma: Ed. Sallustiana, 2001.
- POBREZA – Disponível em: http://pt.wikilingue.com/es/Faixa_de_Gaza. Acesso em: 27 de junho de 2010
- PONTES, Marcos R. Degaut. *Terrorismo: características, tipologia e presença nas relações internacionais*. Brasília: UnB, 1999.

RAHNEMA, Majid *apud* SACHS, Wolfgang. *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROMÃO, Maurício Costa. Distribuição de renda, pobreza e desigualdades regionais. In: CAMARGO, José Márcio; GIAMBIAGI, Fábio(orgs) *Distribuição de Renda no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, P. 97-120.

SAID, Edward. W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Cultura e Imperialismo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *The Question of Palestine*. Londres: Vintage, 1992.

SACHS, Wolfgang. *Dicionário do Desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHONS, Selma Maria, Assistência Social entre a ordem e a “des-ordem”: desmistificação dos direitos sociais e da cidadania São Paulo: Cortêz, 2003.

SOUZA, Laura de Mello. *América Diabólica: demonologia e imaginário do descobrimento à colonização*. In: Revista Tempo Brasileiro, v. 1- número 1- 1962. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. Ed trimestral.

SPOSATI, Aldaíza de Oliveira. *Os Direitos (dos desassistidos)sociais*. Aldaiza Sposati, Maria do Carmo Falcão, Sônia Maria Fleury GTeixeira. 4 Ed- São Paulo: Cortez, 2002.

_____, *Proteção Social de Cidadania: Inclusão de idosos e pessoas com deficiência no Brasil, França e Portugal/ Aldaíza Sposati;(org) – São Paulo: Cortez, 2004.*

WEBER, Marx. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed UNB, volume I, 1991.

_____. *Ciência e Política duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1967.

WHO ARE HAMAS: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/1654510.stm>

YAZBEK, Maria Carmelita. *Classes subalternas e assistência social/ Maria Carmelita Yazbek 4 ed- São Paulo: Cortez, 2003.*

Data de Submissão: 16-04-2012

Data de Aprovação: 01-05-2012